



Roberto Campos



Mário Henrique Simonsen



Delfim Netto

FGV nega seguir Escola de Chicago

Um dos mais importantes centros de formação do pensamento econômico brasileiro da atualidade, a Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), da Fundação Getúlio Vargas, tem suprido a administração pública do País de técnicos e personalidades do primeiro escalão. De seus quadros saíram, por exemplo, seu primeiro e atual diretor, Mário Henrique Simonsen, ministro do Planejamento do governo Geisel e da Fazenda do governo Figueiredo; seu segundo diretor, Carlos Geraldo Langoni, presidente do Banco Central no governo Figueiredo; Cláudio Haddad, ex-diretor do Banco Central; Antônio Carlos Lemgruber, último diretor do Banco Central, bem como os ex-diretores José Júlio Senna e Roberto Castello Branco; Paulo Nogueira Batista Júnior, um dos principais assessores do ministro João Sayad para assuntos da área internacional; o ex-ministro do Planejamento do governo Médici, João Paulo dos Reis Velloso.

Para o atual diretor da EPGE, professor Mário Henrique Simonsen, a escola se caracteriza pelo seu ecletismo, abrindo professores de várias tendências e diferente formação acadêmica. Ele nega a existência do que seria um corpo homogêneo de doutrina, que vincularia seus professores à chamada **escola monetarista**, que tem na Universidade de Chicago seu principal núcleo de idéias. Para Simonsen, a EPGE expõe seus alu-

nos às diferentes teorias econômicas, sem preocupação de fazer predominar a linha monetarista ou estruturalista.

O corpo técnico da EPGE se caracteriza pela presença maciça de professores jovens, na faixa entre 30 e 40 anos, e quase todos com pós-graduação em universidades norte-americanas. Por exemplo, pela Universidade de Chicago, o templo da escola monetarista, passaram os professores Fernando Barbosa, Antônio Carlos Porto Gonçalves, Uriel Magalhães, Paulo Guedes, Carlos Langoni, Cláudio Haddad e José Luís Carvalho, entre outros.

Na opinião de seus professores, o que distingue a EPGE de outras escolas de pós-graduação é o forte conteúdo analítico e quantitativo de seus cursos, com estudo intensivo de métodos estatísticos e econométricos. Os alunos são também estimulados a recorrer a uma abundante literatura estrangeira em matéria de assuntos econômicos. O compromisso dos professores da EPGE é discutir teorias que tenham sustentação empírica, isto é, que sejam confrontadas com fatos reais, submetendo-se portanto a teoria a testes práticos.

UM DOUTOR POR CHICAGO

Doutor em economia pela Universidade de Chicago, Paulo Guedes repele a designação de monetarista, vinculada a todos os economistas que passaram por aquela instituição; suas idéias, entretanto, estão mais

identificadas com a dita **ortodoxia** econômica. Ele é hoje o vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais e leciona em tempo parcial na Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas.

Na visão crítica de Paulo Guedes, o que diferencia as equipes de Dornelles e Funaro são concepções quanto ao ritmo de desenvolvimento econômico, pois enquanto o grupo Dornelles-Lemgruber defendia o emprego de instrumental para obter crescimento econômico sustentado a médio e longo prazo, a equipe de Funaro e Sayad optou por medidas capazes de proporcionar aquele crescimento a curto prazo. Ele acha que a atual equipe econômica está equivocada em relação à característica do processo econômica, porque a seu ver o Brasil está atravessando mais uma fase de recuperação cíclica de sua economia, que logo se esgotará. Paulo Guedes via na ação de Dornelles uma firme diretriz de se remover o déficit público para promover a queda da inflação e da taxa de juros, sem o que não se conseguiria obter a retomada do crescimento econômico. Já o grupo Sayad-Funaro associa corte de gastos do governo à geração de emprego, e por isso não enfatiza quanto Dornelles o problema do déficit público, preferindo admitir, um aumento da carga tributária, de 12% para 16% do Produto Interno Bruto.

Nelson Lemos/Rio